

5 de junho de 1904

As nossas associações

Os preconceitos

(Continuação)

É este um mal que si não é de todas as nossas associações, como confessamos não ser, e entretanto o cancro de muitas.

As preocupações de raças, de cores, de nascimento, de posição social são preocupações estultas que, começando por seleccionar os homens no seio da communhão social, degeneram para logo em motivo de lucta de classes, lucta que infelicitá ainda mais a já não pouco desgraçada especie humana.

Nos os pequenos somos as victimas de todas estas preocupações que nos assediam, que procuram fazer-nos ceder pela pressão, pela desconhecida systematica e até pelo negar-nos a competencia de pensar e de agir concordados com a razão. Em nós querem que as noções que nossa roupa adquiriu no trabalho, sejam noções aviltantes, que a cor de nossa epiderme seja o borrar do vicio, a mancha do crime.

E contra isto o que devemos oppor? Novos preconceitos? Seleccionar aquelles que se approximam mais da cor branca dos outros que conservam em sua pureza a tintura de nossos avós communs — os africanos?

Não, mil vezes não! O que precisamos é de constituirmos uma liga de todos os elementos moralmente sãos que ainda existem entre os nossos, esforçarmos reciprocamente pelo melhoramento de cada um destes e a uma pelo dos que se hajam transviado ou se possam transviar. O que precisamos é de um apostolado livre de preconceitos de traje, de cor, de profissão, em cujos membros apurem-se somente qualidades moraes e creem-se dotes intellectuaes.

É necessario que um novo sol illumine as aspirações dos nossos gremios, no momento que atavessamos, a fim de que não sejam agrupações que passem ephemeras sem deixar um marco memoravel de sua existencia; que não passem sem ter uma historia que atteste claramente, positivamente, que nós pensamos e pensamos proficazmente, e assim desmintam o que se diz em toda a parte: **que somos gente que vive, porém sem saber para que.**

Nada, pois, de preconceitos que não sejam as manifestações puras de uma razão intangivel, e tudo de acção melhoradora do nosso meio. As profissões não desdouram, ao contrario, honram a quem as sabe exercer com dignidade; os remedos e os cirzidos devem ser motivos de ufania quando os conduz um caracter que jamais delles precisou.

Para fazermo-nos respeitar, precisamos nos tornar respeitaveis e isto só se conseguirá esforçando-se cada um por se impor, por se fazer digno.

O caminho, porém, para lá chegar, não é o do preconceito selectorador; devemos nos approximarmos de todos para em todos incurrir os pensamentos de que estamos amados; devemos afastar de nós o vicio, aconselhando, porém, ao viciado a sua regeneração; devemos amar e unir-nos aos bons, mesmo sujeitos da serragem da officina, do carvão da machina, da tinta ou do barro de sua obra, cerrar-lhes a mão affectuosamente em todas as occasiões, porque elle é o homem, e afastar-nos cuidadosamente, sem offensa, do frack bem tallado que veste um mão, para que elle aprenda que as acções dos homens valem mais que as bem talladas faticias, e saiba que elle é o traje.

Seleccionemo-nos do mar para poder combater-o com vantagem, pratiquemos o bem para poder pregar-o com autoridade.

Impressão

Só, desoladoramente só, contemplo, immersa em profundo tédio, o espectáculo contrastado das cousas mundanas.

Ao longe vejo a «Vida» envolta na cenosidade dos Vícios e nos Crimes, a «Crença», qual creança inconsciente, a dormir descuidosa nos braços negros do Desespero.

Além a «Esperança» extoreando-se, agonizando, sob as garras do Desengano que o esmaga desapidadamente.

Mais longe, vaporosa, um nevoeiro, uma neblina, que tanto mais de nós foge, quanto mais della nos queremos approximar, a «Felicidade» corre, como a dizer-nos o seu adeus de despedida.

Em seguida a «Magua», jubilosa, num prazer delirante, soberana universal, sobre o throno de nuvens rosas da «Chiméras» e doiradas da «Ilusão», estende seus braços como azas que se desdobram para cobrir a Humanidade.

E esta em ancias, entre gemidos, vai contorcendo-se ao peso de todos os males, procurando, é certo, a cada contorção saeudir de seus hombros esse jugo, lucta; mas a lucta é desigual porque ainda tem outros inimigos a quem ella mesma alimenta: a «Ignorancia» e os «Preconceitos».

Es que todos se congregam para combater-os e quando procuram o meio de externalizá-los, o echo estridido de uma gargalhada de escárnio repercute-lhe aos ouvidos e apparece-lhes então o Dinheiro, que, com olhar satânico, rir sarcástico, como em provocação cynica, brada-lhe: «Onde vão, não vêem que aqui estou para empecer-lhes o caminho?» E a misera Humanidade com soluço immenso de desespero, no ultimo arranco do desengano, queda-se inerte, immovel, sem animo para mais.

Pobre Humanidade! és e serás sempre a mesma, desanimada, sem vontade, sem energia.

Assim viverás sempre sobrecarregada de martyrios, e genuflexa aos pés da «Morte», entoáras o teu ultimo canto contorcendo-te nas vascas da infinda agonia das Desillusões.

E eu, atomo desta Humanidade, só, desoladoramente só, na nostalgia de dias felizes que se perdem além num sonho vaporoso, contemplo, immersa em profundo tédio, o desanimo da Humanidade, e, dentre o scepticismo que me envolve, pela nesga da paz ascetica de uma meditação continua, observo o espectáculo negro, contrastador das cousas mundanas.

Pepita.

Reparos

Ha dias, caros leitores,
Nisto só tenho pensado:
Será obrigado o Brazil
A comer Peru assado?

Pois dizem que o Peru
Quer metter-se com o Brazil.
Fazendo sua rodinha
A pizar todo subtil!

Ora bolas! meus leitores,
Vejam so que grande figal!
Quem o havia de dizer
O Peru tambem quer briga!

Como está bello a fazer roda,
Em leode feita a cauda toda!
Bello Peru! glu, glu, glu, glu,
Quer o tercirro do Jura!
Que diz ser seu, ahí está,
Bello Peru! glu, glu, glu, glu.

K. Zuzá.

A Bodega

(Para ser cantada com uma musica que de no vinte)

Quem eu sou, actualmente,
Muita gente
Está cansada de saber,
Sou o refugio dos pezaes
Que os azares
Fazem os moços padecer!

Sou a melhor electricidade
Da cidade
Quando o véo da noite encobre...
Na intendencia pago imposto
Pra dar gosto
Tanto ao rico como ao pobre.

Pra melhor cabir na dança,
A balança,
Me tiraram do bálcao
E sem peso, leviana,
A ratalana
Faço andar em confusão!

Muito mocinho bonito
E exquisito,
Que de dia é seu doutor,
Me procura, pra nas aguas,
Suas maguas,
Afogar do falso amor.

E a mocinha roubada
Desprezada
Pelo perfido azeiteiro,
Vem a mim qual pirausta,
Queima exhausta
As azas no candieiro!

Nos requebros do maxixe,
E no fox,
Tenho bailado a valer!
Taverneiros, jornalistas
Bons artistas
Querem conmigo mecher!

Mas... so gruido e que pode
No pagode
Conigo se divertir,
Que a policia não concente,
E indecente,
Pobre no samba cabir.

Em resumo quem sou eu:
Lá no ceu
Sou a innocencia em pessoa,
Na terra... oh! meu Tistinha,
Paga a crininha,
Que, afinal, sou cousa boa.

GUAQUINHO.

(Da revista o «Baptistinha».)

Incomprehensivel

— Ah! amigo de minha alma! dizia-me ha dias um de meus velhos compañeros de escola. — Sou o ente mais infornado que pouca na terra.

— Dedicaste-te á politica? — perguntei-lhe.

— Oxalá o houvesse feito!
— Estás soffrendo de anemia generalizada, ou debilidade chronica nos bolsos?

— «Nada disso». Bem sabes que não me falta dinheiro para satisfazer os meus vicios.

— Então não sei o que tens.
Meu amigo foi tomado de um estremitamento nervoso, e, enrugando o nariz, exclamou:

— Estou ennamorado!

— E é este todo o teu mal? — argui.

— E julgas pequeno?

— Quasi nada. E ella amate?

— Quem, Adelaide?

— Não sei si é Adelaide ou Amelia, aquella de quem fallas.

— Sim, é Adelaide. Não sei se me ama, o que sei é que me namora.

— E tu já declaraste o amor que sentes por ella?

— Até o presente isto tem me sido de todo impossivel.

— Pois procura uma occasião e verás como sahirás immediatamente da duvida.

— Não posso. Essa mulher é incomprehensivel. Quatro dias depois do primeiro em que a vi — este anjo encantador de meus sonhos — animou-me com um sorriso, oh, que sorriso! um sorriso... enlouquecedor, approximei-me, apertei-lhe a mão, chamou-me querido e não sei que doces qualificativos mais. Me parece que esta primeira demonstração não podia ser mais expressiva.

— Com effeito.

— Depois tratei de fallar com ella, porém disse-me que estava fóra a senhora sua tia e que passava os dias em companhia de uma creada velha.

— Pois, homem, era de aproveitar.

— Nisto pensei eu, porém em seguida arrependi-me, pensando quanto de incomprehensivel tem a Adelaide.

— E não pensas em fallar com ella enquanto a tia não chegar?

— Não... isto é, a tia já chegou.

Quando soube a grata noticia, foi até à janella da minha amada.

— Quando poderei lhe fallar? — disse-lhe.

— Quando quizer, respondeu-me.

— A senhora o ha de determinar.

— Então amanhã, ás tres da tarde.

— E que tal a entrevista? — perguntei com interesse.

— Escuta. A hora indicada por Adelaide, cheguei a sua casa, batí, a criada veio abri-me.

— A senhora sabia — disse a velha.

— Outra vez? — murmurei contrariado.

— Porém está a d. Adelaidesinha entre.

E sem esperar nada mais, quasi a empurrões, levou-me até o gabinete da que tanto me faz soffrir. Lá a encontrei, estava mais bella que nunca! não sei por que desceu estava sem bata e o corpinho meio desabotoado... Confesso-te que fiquei sem saber o que dizer, assim a mollos de quem enxerga visões.

— Bem podia o senhor ter pedido licença — disse Adelaide, creio que não enfadada, porém com uma entonação especial.

— Não sei o que lhe respondi, porém ella começou a rir e sentando-se á borda de seu leito, murmurou como de si para si.

«Meu Deus! Aqui só com elle... e minha tia que não virá em toda tarde...»

— Compreendes que era tudo muito claro: dizia-me que me trissasse, e assim o fiz, não sei se se despidindo-me ou não, porque minha cabeça andava a girar de turbado que estava.

— E não voltaste a carga? — perguntei-lhe.

— Verás. Hontem recebi uma carta da incomprehensivel Adelaide, dizendo-me que esta manhã esperar-me-ia em uma casinha que tem em um bello arrabalde.

— Pois, Simplicio, a cousa não pode estar mais clara.

— Escura e muito escura, a encontro eu.

— Explica-te.

— Explicar-me-ei agora. Com um desejo terrivel de pôr termo a esta situação, que me vai deixando fino como um palito, cheguei á casa de Adelaide e perguntei pela senhora. A mesma criada velha disse-me que a senhora me esperava «alli» e apontou-me uma crystallina fonte que corria entre rosas.

Para lá encaminhei-me, e já a distancia ouvia, qual musica suave, a voz de Adelaide a chamar-me. Estava ella muito occulta entre uns arbustos em traje um pouco mais leve do que o que a encontrara no primeiro dia, entretendo-se em destrangar as bellas tranças do negro cabello. Que formosa e que incitante estava!

— Si continuar o senhor a attender sempre tão promptamente aos meus chamados dentro em pouco tempo saberá de côr e solteiro minhas formas.

— Eu... não sei... é o acaso... — tartamudei atonito.

— E o que faremos aqui sós? Minha tia não quiz acompanhar-me esta manhã.

— Isto dito por Adelaide, dei-lhe as costas, envergonhado de parecer que della queria abuzar, sempre que a encontrava sem sua tia, e aqui me tens.

— Tu estás louco, rapaz, ou vaes ficar louco?

— Ella é quem assim me poz. Pois não é uma mulher incomprehensivel?

— Sim é incomprehensivel para os que uzam do que uzas.

E deixei entregue a sua fúria de aquelle idiota do Simplicio, e fui ruminando — Deus dá biscoutos a quem não tem dentes.

PIF-PAF.

O Zéca

Perdôa, grande Anthero, ao nosso Zéca! Nenhuma culpa, aqui, cabe ao rapaz! Lhe dizem que é poeta... e o pobre, zás, faz chiar em discordes a cabeça...

Eil-o ás voltas agora (que sapêca!) Com *soneto dos teus*... (tanto é capaz de suppor-se um maricas ferrabraz de suppor-se condor uma marrêca!)

O facto não merece commentarios; a proposito me acodem á memoria dislates semelhantes, casos varios;

são frisantes aqui aquella historia do Pardal no viveiro de Canarios, e a da Gralha não menos irrisoria...

Porto Alegre.

M.

Notas semanaes

Corpus Christi. — Percorrerá hoje, ás 10 horas da manhã, á diversas ruas da cidade, a imponente procissão de Corpus Christi, na qual toma parte todo o apostolado catholico romano, incorporando-se á mesma os estudantes de algumas academias desta capital.

Archiconfraria de N. S. do Rosario. — Os irmãos desta pia instituição devem reunir-se hoje, ás 8 horas da manhã, a fim de acompanharem a procissão de Corpus Christi.

Devoção de N. S. da Conceição. — Para o mesmo fim deve-se achar, ás 8 horas da manhã, no consistorio da igreja do Rosario, os membros dessa corporação religiosa.

Nomeação. — O bemquisto cidadão, nosso amigo, major João Baptista da Silva, acaba de ser distinguido pelo governo federal, com a nomeação de porteiro da Delegacia Fiscal do thezouro federal, neste estado.

Felicitando o amigo, desejamos-lhe ininterrupta messe de felicidades na nova vida que enceta.

Desastre. — Ha dias magoou o dedo index com um tijolo, o laborioso constructor Felipe Honorio da Silva. Apezar de ser lisonjeiro o seu estado ainda está, no entretanto, impossibilitado para o trabalho.

Enfermos. — Pertinaz enfermidade tem retido em seu domicilio o nosso venerando amigo Calisto Felisardo de Araujo.

Gravemente enfermas, guardam o leito, as senhoritas Theodora Ferreira e Julia de Menezes Araujo.

Hospede. — Esta entre nós, vindo de Cachoeira, onde reside, o habil artista typographo e nosso bom amigo Emiliano Alves, a quem agradecemos a delicadeza da visita que nos fez.

Este nosso amigo é actualmente auxiliar da redacção d'«O Commercio», jornal daquelle cidade.

Grupo Juvenil. — Hoje, ás 5 horas da tarde, os socios deste sympathico gremio, reunir-se-ão para tratar de interesses sociaes.

Uma de „moços“. — Quinta-feira ultima, pelas 9 horas e 40 minutos um grupo de „moços“ passando pela rua da Margem, divertiam-se em

quebrar vidros de algumas casas entre as quaes os dos nossos amigos Modesto Carlos dos Santos e Affonso José Torres.

Presos os „moços“ que se chamam Mario Braga, Alvaro Braga, Antonio Lentino e Silva Guimarães e levados ao 2º posto onde estiveram até á manhã de sexta-feira, ali alardearam das imunidades de que os preconceitos os cercam e queriam pagar as multas e se irem, segundo, diziam ao escriptorio dos jornas pedir que nada dissessem sobre o facto.

Associação Christã de Moços. Como tínhamos noticiado, esta sociedade levou a effeito, no dia 30 do mez p. p., uma de suas apreciaveis e proveitosas conferencias, sendo orador o Rev. João Ruiz, que foi muitissimo applaudido.

A serviços. Procedente de Vianna, esteve domingo ultimo, nesta capital, a serviços, o nosso prestigioso amigo Franklin Flores dos Santos, pai do nosso companheiro Alcibiades Azeredo dos Santos, honrando-nos por esta occasião com a sua visita, gentileza que muito agradecemos.

TYPOS

II

O Coelho... ora o Coelho! de coelho não tem nada, mais parece um burro velho, sem cauda ou cauda cortada!

Orelhas — oh! que orelhudo; cara comprida e raspada, sempre tão sério e sisudo...

Um burro, sem por mais nada!

Zé.

Notas das localidades

Pio Pardo

Club Açucena. Associação de moças, realizou, domingo, 29 do p. p., na „Boa Vista“, arrabalde desta cidade, um esplendido *pic-nic*, onde saboroso-se o classico churasco. A festa esteve immensamente concorrido de exmas. familias e cavalheiros.

Foram suas directoras as distinctas senhoritas — Cecilina Rocha, Luciana Saldanha de Figueiredo e Almerinda Barreto.

A banda musical — „União Operaria“ abrilhantou-a.

A novilha morta então foi offerecida ao gentil club, pelo o illustre e estimado cavalheiro major Francisco Rodrigues Ferreira, digno intendente.

Ao sympathico club os nossos sinceros parabens.

Corresp.

Club Recreativo Viamonense. Os festejos desta sociedade, que conforme noticiamos deviam se realisar, hontem, na villa de Viamão, foram transferidos impreterivelmente para o dia 12 do corrente.

Tomates

A um Ananias Barboza Damos por seus disparates, Em vez de um botão de rosa. Um *cachinho* de tomates.

Vé, portanto, o tal senhor, Que nós não tratamos mal, A quem esperar o cobrador P'ra devolver o jornal.

Tal *gajo* nos faz lembrar Uma velha eadadura Que, para não nos pagar A tomada de assignatura,

Disse: (não levam a mal) Que com bom palpite andava E, para pagar o jornal, O seu bicho não largava.

Barboza, nada de partes, Já que não tens miolo, Vem basear os tomates Que te dou para consolo.

Pifano Canguarino.

Calendario social

Anniversario. — Fizeram annos: a 26, o activo funcionario publico, empregado na administração dos correios deste estado sr. Belarmino Maia; a 28, o joven Derival da Silva Canabarro, afilhado do nosso amigo Carlos Pio dos Santos; a 31, a senhorita Alzira Pereira da Silva e a exma. sua d. Florinda José da Silva, irmã do sr. Affonso J. da Silva; a 2 do corrente, o sr. Thomaz da Silva Dias; completarão mais um anno: a 8, o laborioso artista typographo sr. João Chaves; a 10, a exma. sua d. Margarida da Silva, digna esposa do nosso amigo Hygino Roberto da Silva.

Bailes. — Diversos senhores e senhoritas, sob a denominação de club «Margarida» deram, na residencia do sr. Alfredo Silva, á noite de 28 p. p. um attraente sarau dansante que teve como directora a distincta joven Miguellina da Costa

Segundo nos informaram, realisou-se com toda a animação o baile com que a sympathica sociedade «Olympia Peres» commemorou a 1ª do corrente o anniversario de sua fundação.

O club «Recreativo Veranista» que tem actualmente na presidencia o joven João de Lemos, proporcionou, hontem, a seus associados e convidados uma de suas agradaveis reuniões bailantes, sob a direcção da gentil senhorita Francisca Clara de Lemos, cunhada do sr. Pedro Padilha

Agradecemos penhorados a deferencia que nos dispensou a directoria da jovial sociedade «Recreio das Cinco» convidando-nos para assistirmos ás diversões que hoje levará a effeito em honra ao baptismo de seu estandarte, que terão lugar ás 4 horas da tarde. As festas, que se realisarão na residencia do nosso esforçado amigo Candido Rodrigues, á rua 13 de Maio nº 21, terminarão com uma soirêe dansante, depois de ser empossada a nova directoria.

Porque?

(Traduzido do hespanhol)

Diz-me, menina formosa, de olhar ardente d'amor, de sorriso encantador, de doce falla harmoniosa,

porque estás sempre contente? porque ris a todo instante, beijos a implorar, delirante na face corada e ardente?

Porque tua bocca divina só de amor nos quer fallar? Porque, formosa menina, vives tu sempre a cantar?

Será teu doce semblante em moldura negra cerrado, será teu olhar fascinante, quem assim te tem deixado?

Diz-me porque é tal alegria que em teu rosto noute e dia, sempre se vé a brilhar? E' porque tua alma s'embriga num amor casto que alaga teu doce e meigo sonhar?

E ella, com ar mui bregeiro, sorrindo assim, respondeu: — E' porque a sorte me deu Noivo com muito dinheiro.

PATO D'AGUIAR.

Juramento

Pelo negror de teus cabellos, Pelo riso dos labios teus, Pelos teus olhos tão bellos, Que encantam os olhos meus;

Pelo jambo de teu rosto, Pela curva do teu collo, Juro que só de ti gosto, Que só tu és meu consolo.

Ip. Justus.

Quebra cabeça

Desta vez appareceu-nos mais um, K. Zuza, com uma lista de 8 decifrações, o mesmo que Lenool e Nhambaizinha. Pif-Paf e Modesto decifrarão todas. As decifrações eram as seguintes: Matéria, temo, atropello, lapidario, loterico, alfandaca, samaria, jaspe, labrusco. Lenha para hoje:

Logographos

As ligões deste propheta, 1, 3, 9, 1, 9, 3. Aproveita o animal, 7, 9, 10. A risca segundo recta, 4, 5, 9, 8, 10. Sem alterar, sempre igual, 6, 2, 1, 3, 10, 2, 10.

E quem assim minhas leis Severamente obedece, Por todos admirado Affirmo: cresce e apparece!

K. ZUZA.

Ao Pif-Paf

Bom dia, meu bom amigo! Não vás te zangar commigo Por causa deste danado; Pois o *tupete* vaes suar, 7, 8, 12, 5, 1, 2. Si o quizeres decifrar Tal qual foi alluhavado.

E um embrulho terrivel, 3, 8, 4, 5, 2. E até parece impossivel, 8, 13, 8, 6. Um tal peso supportares, 7, 8, 9, 5, 5, 9. Mas mesmo assim eu escrevo, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13. Para dar-te o todo que devo E mal de mim não fallares.

Ouve, porém, ainda o resto Que todos chamam conceito; E' parte da geographia, Procura com muito geito.

Lenool.

CHARADAS

Si você não tem, vá, segure, 2. Que quem tudo tem nada dá, 2. Procure por toda parte, Que gente assim muito ha.

PIF-PAF.

Nota que a parenta é um bom pedaço —1—2. O homem baptizado ajuda a missa —1—2.

Modesto.

Para rir

Um larapio, apanhado em flagrante a roubar n'uma igreja. Conduzido ao tribunal, diz-lhe o juiz:

— Vamos, accusado, o que tem a allegar em sua defeza?

— Espere, sr. juiz, pelo quo vae dizer meu advogado.

— E o que dirá seu advogado si o sr. foi preso em flagrante?

— Pois, é isso mesmo que eu tambem quero ver, sr. juiz.

— Nenê, reza ao papae do céu para dar-te pão.

— Não mamãe; eu já estou aborrecido de pão, antes quero rezar a seu Manoel da esquina para me dar figos.

Neste mundo, quem não mente está perdido. Por mais laborioso que seja, ou atrevido. Muitos males terá de supportar. Porque não se pôde dizer crua a verdade: Quer ser illudida a *nobre* sociedade Para, por vingança, a todos enganar.

Remedio para todos

Sob esta rubrica publicaremos uma série de receitas uteis a todas as pessoas, principalmente para as senhoras donas de casa.

Contra as sardas da pelle: Summo de limão... 45 grammas

Essencia de alfazema... 8 "

Essencia de rosas... 1 "

Essencia de cidra... 4 "

Alcool... 25 "

Agua... 25 "

Vinagre destilado... 200 "

Mistura-se, exponha-se ao sol por tres dias e filtra-se por papel proprio.